

Profissional da sexualidade, do corpo ou do sexo? - Delimitações técnicas, de intencionalidade e monetárias na determinação do terapeuta tântrico.¹

Natália de Oliveira Maia² UFRJ-MN/RJ

Palavras-chave: Terapia tântrica; profissional da sexualidade; sexo tântrico

O presente artigo tem como base muitas das elaborações desenvolvidas em minha dissertação de mestrado³, cuja temática principal foi a terapia tântrica. Terapêutica que vem ganhando visibilidade no cenário nacional na última década, configura-se como uma prática passível de ser enquadrada sobre a rubrica *Nova Era*, tendo em vista a elaboração que Leila Amaral (1998) faz de tal movimento:

Devido à mobilidade, plasticidade e sincretismo exacerbado que o fenômeno Nova Era apresenta, construído mais ao redor de uma obsessão pela transformação e de experiências rituais do que de doutrinas ou sistemas de crenças, o movimento Nova Era é, portanto, de difícil definição. Minha sugestão é a de que não existe nada que seja em si mesmo absolutamente Nova Era, mas Nova Era seria a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem performaticamente uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos. Os elementos culturais, sejam eles símbolos religiosos ou não, são extraídos das diferentes tradições orientais, indígenas, milenares ou modernas e articulados com as psicotecnologias alternativas ou a elas incorporados. Não mais circunscritos à sua comunidade de origem ou a seus grupos "naturais", esses símbolos são recobertos com uma alta diversidade de significados e usados para uma variedade de propósitos. (p. 26-27)

Assim, combinando elementos orientalistas, de cunho hinduísta, taoista, entre outros; com elementos retirados da psicologia e da neurociência, essa terapia espiritualista visa a transformação e cura (mais generalizada possível) a partir da mobilização energética com vistas ao alcance da iluminação. Mobilização possibilitada por meio de práticas diversas, dentre as quais a massagem tântrica aparece em destaque. Essa massagem se configura por uma série de movimentos aplicados ao longo do corpo em sua totalidade, incluindo as partes entendidas enquanto genitais.

Se há uma proliferação de matérias referentes ao assunto na última década e, principalmente, nos anos mais recentes, essa propagação midiática parece refletir a

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-UFRJ.

³ Resultante de um trabalho de campo envolvendo participação em cursos livres, e workshops de massagem tântrica, meditações tântricas, parte de um curso de capacitação de terapeutas tântricos, pesquisas virtuais a respeito da temática e entrevistas realizadas com participantes do universo do tantra. Meu campo se realizou ao longo dos anos de 2017 e 2018, nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo

emergência de uma área de atuação profissional até então pouco explorada ou em estado ainda embrionário. Percepção compartilhada não apenas entre os usuários de tal prática, mas entre os próprios, autodenominados, terapeutas tântricos. Essa profissão, por sua vez, carrega como ponto central a mobilização das categorias sexualidade e sexo, que ganham uma maior complexidade em suas camadas de significação. Parte-se aqui do suposto de que a sexualidade, o sexo e o gênero apresentam-se como construtos sociais mutáveis ao longo do tempo e dependentes de variáveis interseccionais como raça e classe, não sendo passíveis de uma generalização universalista (GONZALES, 1984; MOORE, 1997; hooks, 2000; BUTLER, 2003; PISCITELLI, 2009). E, nesse sentido, a terapia tântrica opera como um dispositivo que se não se baseia na reprodução como elemento definidor da sexualidade, é produtor de sujeitos e práticas baseadas no prazer. O sexo, enquanto prática e enquanto discurso, é parte constitutiva do universo tântrico. Tomando-o, então, como condutor, busco evidenciar a centralidade do sexo na mobilização e elaboração das categorias pertinentes a esse universo por parte dos sujeitos nele inseridos.

Sessão modelo de terapia tântrica e trocas de massagem

Para o início da discussão, trago a descrição de como seria uma sessão individual de terapia tântrica e, mais especificamente, uma sessão envolvendo a massagem tântrica.

Acertada a sessão, uma das principais especificações da mesma diz respeito ao local de atendimento. Este deve ser, de preferência, uma sala comercial ou sala de atendimento voltada para práticas terapêuticas alternativas. Conversando com muitos dos meus interlocutores, estes enfatizam a importância desses tipos de interação não acontecerem em quartos de motéis ou em horários fora do intervalo entendido como comercial. A adequabilidade do local se relaciona a um dos elementos que vão contribuir para o distanciamento de uma sessão de terapia tântrica, e também de massagem tântrica, de um ato sexual.⁴

A sala da sessão então é preparada de antemão, geralmente se observa um colchonete disposto no chão, coberto por um lençol ou tecido que possa ser

⁴ O que se evidencia, tal como apresentado por Maluf (2005), é uma construção de um ambiente que funciona para aproximar a terapia tântrica de outras terapias. Se em sua argumentação, os elementos dispostos marcam um distanciamento entre as terapias alternativas e as entendidas como convencionais, no caso do paralelo em relação à terapia tântrica, diria que sua aproximação com as terapias alternativas e com as terapias corporais, parece servir como um operador de aproximação entre esta e os meios terapêuticos em geral. Aproximação desejada pelas pessoas que compõem o universo do tantra, principalmente no que tange a um desempenho profissional. Essa proximidade com o espiritual e o terapêutico opera, ainda, como variável de peso a acrescentar graus de distanciamento entre um atendimento e um ato sexual qualquer. Assim, se, como ficará mais claro adiante, a sessão pode ser comparada a um jogo sexual, o sexo é tirado de campo. O que se coloca no lugar é a sexualidade compreendida como conexão, energia e amor, para citar apenas algumas de suas possibilidades de compreensão.

lavado ou descartado ao final do atendimento, sobre o qual o cliente se deitará. O uso de incensos também se mostra prática comum, nesse caso o *palo santo* (madeira proveniente de uma árvore de incidência no Peru e Venezuela) figura como preferido, a defumação do ambiente por ele seria feita para limpar o espaço de energias ou espíritos negativos. Velas podem ser acesas, uma foto de um mestre espiritual pode compor também o local da massagem como forma de lembrar aos envolvidos que o ambiente que se configura é sagrado, como ressaltado por Jorge, terapeuta⁵ tântrico que entrevistei em sua sala de atendimento em São Paulo. Músicas de cunho *New Age*, ou mesmo mantras são tocados, ajudando na composição da cena e, mais tarde, como ritmo que ditará a cadência da execução dos movimentos desempenhados na massagem. As luzes diretas da sala são apagadas e uma iluminação voltada para penumbra é acionada por abajures, ou mesmo pelas velas.

Composto o ambiente, é a vez das pessoas envolvidas se prepararem para a interação. O cliente é recepcionado pelo terapeuta e acolhido na sala de atendimento. Ali o terapeuta inicia uma conversa ou mesmo o preenchimento de uma ficha de atendimento para a coleta de informações relativas aos anseios do cliente, as razões que o levaram até ali, bem como informações a respeito de sua sexualidade e vida sexual. Feitos os devidos esclarecimentos e estabelecidos os limites da sessão, como por exemplo o tipo de atendimento proposto pelo terapeuta, se haverá ou não o desempenho de massagem genital e as partes do corpo que o cliente gostaria ou não que fossem tocadas; o cliente é convidado a tomar um banho, para que as essências externas advindas de perfumes ou outros meios não venha a interferir no seu processo, que inclui o expelir e o exalar do cheiro de seus próprios fluidos corporais. Nesse período, a pessoa que vai desempenhar a massagem pode se colocar sentado no chão e meditar ou desempenhar alguma atividade similar, que a leve a um estado de espírito adequado ao desempenho da massagem.

⁵Cabe uma breve observação quanto aos entrevistados. Estes não carregam uma homogeneidade na sua relação com a terapia tântrica, assim foram estabelecidas três categorias: *terapeuta*, usada para denominar aqueles que têm a terapia tântrica como profissão central; *profissional comercial e terapeuta*, correspondente aos sujeitos que realizam atendimentos enquanto terapeutas como hobby ou complementação da renda, no entanto exercem outra função profissional no horário comercial; e *usuário com curso de capacitação*, abrangendo pessoas que exercem outras atividades profissionais, fazem uso da terapia e entendem os cursos de capacitação como espaços de autodesenvolvimento e possibilidade longínqua de mudança do campo de atuação no mercado de trabalho. No total, foram entrevistados cinco homens e sete mulheres, com idades variando entre 26 e 65 anos. Além disso, todos os nomes aqui utilizados correspondem a nomes fictícios, com intuito de preservação daqueles que fizeram dessa pesquisa possível.

Estando a pessoa a ser massageada de volta, as duas pessoas se colocam uma em frente a outra e algum exercício de conexão acontece, podendo ser desde um *Tratak* (meditação que consistem em um olhar fixo para algo ou alguém), movimentos conjuntos realizados com as mãos das pessoas em contato, entre outras formas de conexão.

O cliente então se deita despido e sob o comando do terapeuta, ao longo da massagem, se vira no colchonete estando de barriga para baixo, depois deitado sobre cada um dos lados e então de barriga para cima, é o terapeuta ainda quem dá respaldo aos sentimentos e expressões que o cliente venha a emitir. Assim aquele pode incentivar este a gritar, emitir algum outro som, a chorar ou a rir. Aqui cabe apontar que por mais que se pregue que a pessoa que recebe a massagem deve deixar seu corpo responder como queira, há o entendimento que sons e movimentos são importantes para que se atinjam os efeitos esperados.

A massagem é desempenhada, por fim, no órgão genital. Existe uma especialidade dessas técnicas destinadas ao manuseio do *Lingam* (nomenclatura em sânscrito para órgão sexual masculino) ou da *Yoni* (órgão sexual feminino). Técnicas que são entendidas como distintas das desempenhadas em uma masturbação. São realizadas pelas mãos do terapeuta, as mesmas mãos que manipularão os óleos usados nas massagens ou mesmo os vibradores caso o terapeuta julgue necessário. Uma certa catarse pela exaustão do corpo a partir de orgasmos constantes é provocada. Experiência, segundo meus interlocutores, similar ao que seria o estado de iluminação⁶.

Cabe ressaltar que apenas o cliente encontra-se nu, o terapeuta mantém suas roupas (comumente trajes escuros) o tempo todo, além disso, no momento de efetuação da massagem genital, veste luvas que podem ser de látex ou material semelhante.

⁶Segundo Osho (1997), uma das referências teóricas mais recorrentes entre meus interlocutores, é através do sexo que primeiro se experiencia esse estado constituído por: “primeiro: a ausência do tempo. Você transcende o tempo completamente, não existe o tempo; você se esquece dele completamente, ele cessa para você. [...] Não existe passado nem futuro. Neste mesmo momento, aqui e agora, toda a existência está concentrada. [...] Segundo: no sexo, pela primeira vez você perde o seu ego, fica sem ego. Por isto, todos aqueles que são muito egotistas sempre são contra o sexo, pois no sexo eles precisam perder os seus egos.[...] E terceiro: no sexo você é natural pela primeira vez. O irreal é perdido; a fachada e a face são perdidas; a sociedade, a cultura e a civilização são perdidas. [...] Você é uma parte da natureza! Você está em algo maior — o cosmos, o Tao.”(p. 275) Tal como só se pode “levar a pessoa onde você já chegou”, nos meios tântricos, é difundida a convicção de que só se pode alcançar aquilo do qual se conhece alguma coisa. Nesse sentido, só seria possível chegar ao estado de iluminação tendo experienciado algo desse estado, nem que seja pelo menos a sensação dele.

Depois da intensidade da experiência corpórea que passou, o cliente é deixado descansar em um estado que muitos descrevem como de meditação, no qual a percepção do próprio corpo bem como do ambiente se encontra fortemente alterada. Passados alguns minutos, então, o terapeuta chama pela pessoa, a orienta a perceber seus membros, seu corpo e quando estiver preparada, abrir os olhos, se sentar e, caso ache necessário, compartilhar verbalmente o que foi tal experiência.

Tendo em vista a terapêutica, não existe um consenso quanto a quantidade de sessões necessárias para o tratamento de um cliente. Há terapeutas que defendam um número mínimo de 10 sessões, outros acreditam que o número ideal seria 21 sessões e aqueles que estabelecem a quantidade necessária a partir do desenvolvimento de seu cliente, mas no geral existe o entendimento de que uma sessão não é suficiente.

Outra importante forma de interação tântricas são as trocas de massagem. Após a realização de eventos como cursos livres ou *workshops* de massagem tântrica, é prática comum que o contato dos participantes seja disponibilizado, por meio virtual (seja e-mail ou *WhatsApp*) pelo terapeuta ministrante para que o grupo recém-formado mantenha contato ou, ainda, este último pode incluir essas pessoas em grupos virtuais já formados que carregam como propósito a difusão de teorias e organização de encontros ou outras práticas tântricas.

Dentre as práticas mais comumente organizadas nesses contextos está a troca. Esta pode ser configurada como um evento coletivo, o terapeuta nesse caso pode ter a iniciativa do evento ou se disponibilizar para exercer uma certa supervisão do mesmo, garantindo assim que situações ou atos que possam ser categorizados como abusivos sejam evitados veementemente. Ocasões como essa podem acontecer de forma gratuita ou mediante o pagamento de uma taxa ao terapeuta. Além disso, trocas de massagem mais individualizadas também são combinadas por esses meios virtuais. Assim, duas pessoas que fazem parte de um desses grupos podem entrar em contato e combinar dia, local e hora que pretendem desempenhar tal prática. Diferente de uma sessão com papéis fortemente delimitados entre terapeuta/cliente em que o terapeuta executa o atendimento e o cliente o recebe; a troca pode acontecer entre pessoas que realizaram algum curso livre de massagem tântrica e minimamente dominem as técnicas e tenham algum conhecimento do que se constitui essa prática, entre um terapeuta e estes últimos, bem como entre terapeutas.

A finalidade da troca varia de acordo com as pessoas envolvidas na interação, bem como o nível de inserção que cada uma possui em relação ao universo do tantra. Dessa forma, geralmente, quanto menor nível de inserção mais voltada ao aprimoramento técnico a troca de massagem é desempenhada. Um baixo grau de inserção foi por mim valorado tendo em vista pessoas que conheceram a terapêutica e práticas tântricas recentemente, que participaram pela primeira vez ou poucas vezes desses eventos, estão ainda se familiarizando com o universo do tantra em sua gramática própria, bastante informada por uma certa ideia de espiritualidade carregada de referenciais orientalistas; e que ainda não tem domínio fluente da linguagem por ele suscitada. Não atenderam a cursos de formação, podendo ser categorizados como novos usuários. Em contraposição aos requisitos descritos para a elaboração do menor nível de inserção, o maior nível corresponderia ao maior tempo de atendimento a eventos e práticas tântricas o que resulta, também, em um domínio e fluência da linguagem específica desse universo. Por sua vez, quanto maior o nível de inserção, mais voltada a uma preocupação com o autodesenvolvimento, cura e aprimoramento de si a troca de massagem é feita. Fatores que importam significativamente para os terapeutas, por exemplo, uma vez que dentro do meio tântrico o entendimento de que só é possível cuidar e “levar a pessoa até onde você já chegou” se mostra dominante. Uma ênfase contundente é dada ao fato de o terapeuta ter que estar constantemente se “trabalhando” para poder atender.

A troca então acontece de maneira análoga ao atendimento, no entanto, as duas pessoas envolvidas na interação ocuparão as posições de “terapeuta” e “cliente” em momentos distintos. Vale a ressalva de que se para uma sessão de terapia ou massagem tântrica as delimitações das posições construídas pela ambientação e toda uma indumentária, costumam ser enfatizadas e mantidas; a depender das pessoas envolvidas nas trocas e os acordos estabelecidos entres estas, aqueles mecanismos de delimitações podem ser mais ou menos flexibilizados, adicionando uma maior ambiguidade à prática.

Confusões e mal-entendidos

Assim, a depender do grau de flexibilização bem como no nível de inserção ao universo tântrico que cada pessoa possui, essas práticas podem abrir brechas para confusões e mal-entendidos pela possível confusão entre uma troca/sessão e sexo. Uma de minhas informantes, Carlota, que conheci em um curso de massagem tântrica relatou uma longa discussão que se deu em um grupo de *WhatsApp* do qual ela faz parte, dedicado a trocas de experiências e informações sobre as práticas tântricas. Uma de suas

participantes teria perguntado a mesma questão enunciada: “tem algum *Shiva* (termo usado para se referir a homens, em oposição à *Shakti* usado para referenciar mulher) interessado em fazer troca?”. Um dos participantes teria se prontificado e logo a conversa mudara do contexto do grupo, para uma conversa privada. Ao longo da discussão o rapaz afirmou que sempre que fazia trocas, elas acabavam em sexo. Indignada a participante deixa de falar com o rapaz e expressa seu descontentamento no grupo. Carlota afirma que o comentário desencadeou uma série de reações entre os membros. Muitas iam no sentido de consentimento e apoio ao desprezo da moça quanto à proposta. O que aflorou na discussão foi a questão da confiança e maturidade necessárias para que uma prática tântrica possa acontecer. A indignação em jogo se pautava na instabilidade e desconfiança que a contraproposta do rapaz causara, e comentários do tipo: “não se pode confiar em uma pessoa dessas” foram publicados. Nesse sentido o próprio sexo passou a habitar o espaço da desconfiança. Então uma discussão derivada quanto à pertinência do sexo como meio terapêutico dentro da filosofia do tantra teve início. O que se delineia é uma distinção do sexo entre: convencional e tântrico. É esse sexo convencional que é posicionado no lugar de desconfiança e passível de julgamentos morais e indignações quando sugerido em um espaço entendido como tântrico. Dessa maneira, a própria proposta funcionaria, para aqueles com quem conversei, como um indicativo de que a pessoa que a faz, não se encontra devidamente inserida dentro desse universo.

Interpretação corroborada pelos comentários que se seguiram, muitos em defesa do proponente tendo como justificativa o fato da indignação da moça e de muitas das pessoas ali parecer se pautar na compreensão do sexo como inapropriado, sem a devida distinção entre convencional e tântrico. A disputa e a confusão entre essas duas formas de entendimento, no entanto, parecem se atualizar constantemente, além de serem atribuídas a um baixo grau de compreensão e inserção a esse universo. Um outro participante, segundo Carlota, teria tentado apaziguar a situação ao apontar que aquele grupo era um grupo de aprendizado e desenvolvimento de seus participantes e ressaltar que nem todos ali estariam em um mesmo nível de compreensão e entendimento quanto ao tantra. Teria apontado como indicativo disso o fato de alguns participantes perguntarem o significado de *Shiva* e *Shakti* no contexto da discussão. Conhecimento que corresponderia a um nível básico de inserção ao tantra.

Apesar do apaziguamento da discussão o consenso que se estabeleceu no grupo, o qual Carlota se posicionava também a favor, era o de que troca e sexo não deveriam se misturar, até mesmo pelo fato de a troca funcionar em muitos contextos como treino para

os atendimentos. Além disso, o que se questionou na discussão foi o status do proponente, se ele era terapeuta ou entusiasta. Um paralelo entre a asserção do moço e questionamentos advindos de pessoas que buscavam a terapia tântrica pela primeira vez se estabeleceu. O entendimento geral foi o de que, enquanto terapeutas, as pessoas deveriam receber tais dúvidas com amorosidade e esclarecer o que é a terapia e quais suas práticas constitutivas. Àqueles que não compartilhavam tal status, atribuía-se a pertinência da confusão. Como apontado anteriormente, a conquista de tal posição dependeria de inúmeros fatores, configurados não apenas nos cenários constituintes dos atendimentos, mas um trabalho contínuo voltado ao autodesenvolvimento. Comentários apontando a apropriação de técnicas e do adjetivo tântrico por parte de massagistas e profissionais do sexo foram enunciados revelando uma outra confusão comum na interação entre indivíduos “do tantra” e, destes, com pessoas comuns.

Profissional: da sexualidade, do corpo ou do sexo

Nesse sentido, “trabalhar-se” e “desenvolver-se” mostram-se, como levantado anteriormente, fortes indicadores na distinção entre algumas das categorias profissionais acionadas na conversa: terapeuta, massagista e profissional do sexo. Cabe ressaltar que a profissão em si não se encontra institucionalizada. Fato reconhecido por aqueles que entrevistei e, para muitos dos quais, que se configura como um problema, uma questão a ser sanada. Nesse sentido, tal como descrito por Jane Russo (1993), referente à constituição de um corpo profissional de terapeutas corporais, os terapeutas tântricos parecem enfrentar desafios análogos no estabelecimento e legitimidade de sua profissão. Russo demonstra que determinada ocupação, enquanto campo profissional teria como atribuições uma maior dispersão, conflito e heterogeneidade relativa as suas funções, precificação dos serviços e assim por diante. Já o corpo profissional estaria formado superadas as atribuições do campo (RUSSO, 1993, p. 68). Além disso, quando na transição de um campo profissional para um corpo profissional, a profissão em questão se contraporía a outras já estabelecidas, às quais ela poderia ser facilmente confundida ou incorporada.

Dessa forma, entendendo que não necessariamente esse processo algum dia chegue de fato à composição de um corpo profissional de terapeutas tântricos, ou a sanar toda e qualquer ambiguidade, o que se apresenta na sequência parece estar em consonância com o exposto por Russo. Uma preocupação com as diferenciações e delimitações dos fatores e elementos distintivos que possibilitarão a variabilidade profissional supracitada são recorrentemente acionados. Pontuo, então, que a terapia

tântrica apresentaria como profissões de contraposição aquelas que trabalham com o corpo e com o sexo.

André: São as seguranças que eu acho que todos esses terapeutas precisam aprender a desenvolver. Duas coisas: aprender a mexer no corpo, saber o porquê que o corpo reage e ter elementos pra dar de *feedback*. São poucas coisas que a pessoa tem que estudar.

Natália: Pra ser um terapeuta?

André: Isso, são poucas coisas que eu digo assim, sobre vastidão de temas. Você não vai precisar estudar a transferência na clínica junguiana, freudiana, reichiana, não. Você não precisa mergulhar na psicologia, não. Mas você precisa entender como é que a pessoa lida com a sexualidade, você precisa entender que a sexualidade de uma pessoa começa na infância. Você precisa entender que uma pessoa quando está recebendo massagem de você, uma massagem, qualquer tipo de massagem, e ela começa a dar risadinha, muita coisinha, você está vendo que ela está infantilizando o prazer dela. Aí tá infantilizando e tá jogando em qual fase dessa infantilização? Tem que saber procurar isso com aquela pessoa... "Ah, não, essa cosquinha vai passar...". "Por que?". "Não, porque é assim!". Não é, né?! Isso não é terapia, na minha opinião. Isso não é terapia, isso é massagem. Na massagem você sente o que tiver que sentir, porque o massagista está ali pra cumprir um rito, tem um processo de corpo inteiro, você vive esse processo de corpo inteiro com esse terapeuta.

Natália: Entendi, é reprodução de técnica?

André: É, exatamente. Não é o que Reich fazia. Reich abordava o corpo para que o corpo levasse você a criar novos elementos de elucubração de ideias. O corpo fazia você falar, e o que você falava fazia o terapeuta acionar o corpo em determinados lugares [...] A vida é isso, a gente tem que aprender! E como é que um massagista vai saber isso? Não sabe, não sabe. Eu acho um perigo, as pessoas entram em contato comigo, aqui fazendo perguntas... "Ah, vamo lá, na próxima sessão eu vou te fazer uma bela massagem e você vai transcender isso". Então essa é minha crítica ao que se vende de massagem tântrica por aí. Isso massagem tântrica, massagem tântrica mesmo. Que a parte que está na prostituição eu nem falo, nem comento, que aí é prostituição disfarçada de outro nome, que é o que a sociedade gosta de comprar, a gente gosta de comprar disfarces pra tudo. Então até a prostituição hoje em dia é disfarçadinha. O disfarce do que é a prostituição. Assume! Assume o que você quer. Eu nunca tive relação com prostituta, e por que? Por diversos fatores, talvez, primeiro por facilidade de não ter precisado e depois porque eu não consigo entender como é que eu vou me relacionar com uma pessoa que não esteja me desejando. Eu tenho isso. Como é que eu me relaciono com uma pessoa que não esteja desejando? (Entrevista com André, terapeuta, 2018)

Como observado no diálogo com André, a distinção mais evidente seria entre um terapeuta e um massagista tântrico. O massagista pode ser compreendido como aquele que fez cursos de massagem tântrica, ou até mesmo a capacitação para terapeuta tântrico, no entanto encontra-se limitado no seu conhecimento e desenvolvimento. André lista ainda alguns dos temas que acredita serem necessários para a atuação profissional e evidencia a preocupação, para com os clientes, da aplicação pura e simples de técnicas esvaziadas de um conteúdo interpretativo mais bem elaborado para se estabelecer de fato um atendimento terapêutico. Além disso, a capacidade de sustentação da mobilização da energia sexual aparece como fundamental. Dessa maneira, a capacitação, ainda que não

entendida como passível, por si só, de habilitar alguém enquanto terapeuta, tem sua importância reconhecida enquanto acúmulo de experiência e capacidade de autocontrole:

Guilherme: Ah, o que é necessário para atender como terapeuta tântrico?

Natália: É

Guilherme: Nada, você não precisa nem fazer nada, você pode só olhar na Internet e atender...

Natália: E falar: "sou terapeuta tântrico"?

Guilherme: Sim, e isso é um problema enorme na verdade, porque... Então [...] tinha uma terapeuta que dava esses cursos de massagem tal, e o curso dela é bem mais acessível (referindo-se ao preço de inscrição para o mesmo), não vou nem fazer um comentário elitista porque não é essa a questão. Mas... mesmo no Centro Metamorfose⁷, né?! O pessoal aceita qualquer um e tal. E aí cara, começou a ter vários problemas de abuso, vários problemas de abuso: gente que marcava para trocar, e aí o cara abusava. Começou a ter gente que é massoterapeuta e tal, e o cara faz um curso livre e começa a atender com terapia tântrica, tem muita gente assim. E aí é um problema, porque a terapia... a massagem ela é muito simples, a técnica não tem muito mistério; mas o *Tchum* da parada tá na capacidade de você sustentar, lidar com as energias envolvidas. Porque quando você faz uma capacitação, por exemplo, isso é legal: você tem um *boom*. Nego te expõe pra caraca, te (faz barulho de tapas) e aí você cria uma espécie de resistência, uma espécie de capacidade de suportar aquela energia. E uma certa consciência, uma certa... aprende a trabalhar mesmo com a energia. Então, por exemplo, você está fazendo uma massagem, você está muito exposto aos ferormônios da outra pessoa; se acontece de você ficar excitado, você sabe o que fazer com aquilo, você pode pegar aquela excitação, aquela energia e você direciona pra massagem da pessoa. Então você pega aquela excitação e bota aquilo na tua massagem e continua o trabalho normalmente. Uma pessoa que não tivesse uma vivência assim, ou ela teria um conflito ético pois ficaria pensando: "putz, tô excitado aqui, não deveria e tal", tipo, por que que não deveria? Qual o problema? Aí o conflito ético vai gerar uma espécie de luta dela com ela mesma e isso vai atravancar a energia, o desempenho dela e tal, sendo que você pode aproveitar, tipo: pega aquela excitação e bota no teu corpo, e vai e faz ali com aquela energia circulando. Ou, o que é o pior dos lados, quando a pessoa se corrompe com aquela energia e a pessoa comete abusos. (Entrevista com Guilherme, profissional comercial e terapeuta, 2018)

Outro fator apresentado como relevante no estabelecimento da posição de terapeuta seria sua capacidade de inovação e inventividade. Helena, profissional comercial e terapeuta, quem entrevistei em 2018, traz em sua fala a demarcação do terapeuta como aquele que entende os processos por trás das práticas e, conhecendo suas lógicas, é capaz de modificar a atividade e obter os resultados esperados de mobilização energética e cura. Para tanto dá o exemplo de muitas pessoas que se intitulam terapeutas, mas apenas reproduzem muitos dos trabalhos elaborados por Osho. Segundo ela, essa repetição estaria atrelada a uma falta de estudo e a incapacidade de compreensão da lógica

⁷ Um dos mais conhecidos centros de disseminação de práticas e formação de terapeutas tântricos do Sudeste. Até a época da escrita da dissertação ele era referenciado por meus interlocutores e pelo próprio site da instituição como Centro Metamorfose, no entanto, sua marca teria passado por uma reformulação e hoje ele é apresentado como Instituto Comunna Metamosfose. A partir desse momento a referência ao mesmo aparecerá como CM.

estruturante do trabalho. Helena reconhece a pertinência de muitas práticas consolidadas, mas aponta o fato de mudanças conjunturais advindas da passagem do tempo tornarem a mera reprodução de determinadas meditações ineficazes para os dias de hoje.

Alexia, usuária com curso de capacitação, quem conheci em um retiro tântrico de carnaval, realizado no interior de São Paulo no início de 2018, encontra-se inserida nesse universo, há pelo menos três anos, por meio de sessões de terapia, vivências e cursos de capacitação tântricos, leva em consideração nessa distinção outra variável: a intencionalidade do terapeuta em ajudar aquele que o procura. Sua inserção no mundo tântrico se deu por uma insatisfação com sua vida sexual e pela busca da obtenção de prazer dada a ausência de seu marido por conta do trabalho que o levou a morar em outro estado. Inicialmente vai às sessões com esse intuito, no entanto, ao longo desse processo entra em contato com memórias de abuso sofridas na infância que consegue sanar e elaborar dadas essas práticas. Alexia me relata em um momento da entrevista, quando falando sobre o que o tantra havia causado em sua vida, sobre abusos sexuais que vivera na infância. Eu pergunto se ela poderia me relatar os acontecidos. Sua resposta é afirmativa, diz que estaria tudo bem em verbalizar suas memórias justamente por ter trabalhado esses acontecimentos na terapia tântrica. Afirma que, antes disso, a única pessoa com quem partilhara sua história havia sido seu marido. Ressalto aqui a importância atribuída por Alexia à terapia tântrica, permitindo-lhe dizer o, antes, indizível de sua experiência. Isso a motiva a continuar buscando essas vivências e até mesmo a leva à capacitação. Pergunto sobre se ela teria vontade de trabalhar como terapeuta e ela responde que, no momento, não se sente preparada para tanto dado ainda ter que se trabalhar muito. Indago então o que faz de alguém um terapeuta. Além dos elementos já citados, ela atrela à intencionalidade de ajudar/curar e uma certa despreensão de retorno monetário. Ela afirma que é sim necessária a cobrança pelos serviços prestados; no entanto, a motivação maior deve estar pautada no altruísmo, na vontade de contribuir com o desenvolvimento alheio e o retorno financeiro apareceria como consequência. Guilherme segue, em certa medida, essa linha de raciocínio ao revelar seu ideal de terapeuta. Constrói, em seu discurso, um paralelo entre um terapeuta de *Reiki*⁸ e um terapeuta tântrico. Me conta que nas origens, aqueles que inicialmente praticavam o *Reiki*, tinham em mente que essa prática não deveria ser entendida como uma profissão, mas como uma dádiva a ser compartilhada e, portanto, impassível de cobrança. Daí a

⁸ O *Reiki* é descrito como uma prática terapêutica de origem oriental que teria como método a mobilização energética a partir da imposição das mãos.

necessidade de o praticante ter uma outra profissão da qual tiraria seu sustento⁹. O altruísmo, por de trás dessas elaborações, é também trazido por Caroline:

Outro dia uma cliente me mandou um vídeo de uma terapeuta falando assim (faz uma voz sensual): "Eu sou fulana...", com uma vizinha assim bem...ela falou: "Caroline, pode isso?". Eu falei pode, não tem ninguém que controle isso, eu vou dizer que isso não é terapia? Não pode, eu vou estar julgando a outra pessoa. Agora, o que que eu aprendi no CM? Qual a diferença de um terapeuta tântrico para um terapeuta tântrico que fala: (repete a entonação anterior) "E aí..." sabe? A diferença é o que que eu quero com a minha terapia. Eu quero resolver um problema meu, financeiro? Porque ela é extremamente rentável. Ou eu tô ali pra desenvolver o meu cliente? Qual o meu interesse? É isso. E um terapeuta que tem o mínimo de conhecimento e discernimento no tantra não vai manter uma pessoa escrava das sessões, escrava do sexo, não vai manter uma pessoa viciada. Porque é muito fácil isso acontecer. Então o terapeuta é aquele, que através de onde é vulnerável pra essa pessoa, que é a sexualidade, vai levar essa pessoa à libertação. Então meu cliente não é pra sempre, tem um número de sessões. O ideal é 21. (Terapeuta, 2018)

Esses relatos demonstram que, em contrapartida, o massagista seria aquele que meramente reproduz as técnicas aprendidas sem uma preocupação com a inventividade. Sua intencionalidade seria outra que não a ajuda/cura, podendo sim estar fortemente atrelada ao ganho financeiro. O delineamento dessa categoria não aparece de forma explícita, mas, me parece, em contraposição à de terapeuta como demonstrei até aqui. Cabe ainda ressaltar que essa categoria se encontra em um lugar de embaçamento que a aproxima ora da terapia tântrica e ora da prostituição entre aqueles que se encontram inseridos nesse meio.

Retornando ao diálogo com Carlota, ela comenta que já escutou terapeutas reclamarem de clientes que chegariam e, estabelecendo uma comparação entre atendimentos, afirmavam terem recebido sexo oral. A terapeuta reporta indignação e pesar ao escutar comentários como estes. Isso demonstra que essa prática não é adequada ao desempenho da função de terapeuta e é classificada como falta de conduta. Carlota conta ainda que tais práticas inapropriadas são atribuídas ao fato da grande existência de massagistas tântricos, assim, de certa forma se atrela o sexo oral como possibilidade de prática dessa atribuição e esta é colocada em maior proximidade com o que se revela como prostituição. Dessa forma, outro fator de distinção se coloca. O terapeuta tântrico é compreendido como aquele que trabalha a sexualidade, mas não o sexo. A definição de sexualidade não é apresentada de forma clara e é entendida como um suposto tácito em muitas das entrevistas e conversas sobre as práticas tântricas. Comentários do tipo: "você

⁹ Importante ressaltar que Alexia e Guilherme conseguem seu sustento financeiro de outras fontes que não o tantra.

não está lidando com o sexo, mas está trabalhando a sexualidade” são recorrentes. Alexia me explica que suas experiências e vivências no tantra, nunca foram sexo, mesmo que nestas a nudez e toques corporais acontecessem. Afirma que em nenhum momento o sexo aconteceu, não apenas pelo fato delas não envolverem penetração, mas também pelo fato de não se sentir culpada ou traindo o seu marido em nenhum momento. Assim, sua sexualidade estava sendo trabalhada, mas não seu sexo. Arrisco dizer que o adjetivo sexual ganha mais um grau em sua significação, estando atrelado nos contextos tântricos terapêuticos ao substantivo sexualidade e não ao sexo.

Dessa maneira o grau de relevância atribuído ao sexo, enquanto prática pertinente, e ao dinheiro se mostram como fatores importantes na determinação dessas diferenciações. O que se revela, então, parece ser uma certa disputa referente ao nível de interação pertinente entre essas duas variáveis na determinação do tipo da relação que está se estabelecendo interpessoalmente. Aqui cabe pegar de empréstimo as ideias desenvolvidas por Viviana Zelizer em seu texto: *Dinheiro, poder e sexo* (2009), para uma melhor compreensão a respeito dessas interseccionalidades. Sua preocupação é demonstrar que as relações entre os termos que dão nome ao artigo e podem ser traduzidas na “junção entre intimidade sexual e transações comerciais” (Ibid., p. 138), estão permeadas de maior complexidade, assim apresentando maiores dificuldades analíticas, do que aquelas supostas por muitos estudiosos e pelo senso comum. Pretende, pois, “adequar esses tipos particulares de dificuldades num padrão mais geral de negociação entre intimidade e atividade econômica.” (Ibid., p.138 e 139). Zelizer afirma que para que as relações possam se estabelecer e manter, elas dependem daquilo que chamou de “boas combinações” (Ibid., p. 142). Apesar de reconhecer que estas estão submetidas a fatores como arranjos culturais e classe, por exemplo, estabelece que estas “boas combinações” apresentam algumas características recorrentes. Uma delas seria a de que:

1. A transação econômica distingue a relação de outras com as quais poderia ser confundida, danificando assim a própria relação. Um exemplo é a confusão entre o pagamento a uma prostituta e a contribuição econômica de amantes ocasionais (Ibid., p. 143),

Dessa forma, pode-se compreender que a uma determinada relação de intimidade, se atrela um tipo específico de transação econômica. O relevante neste ponto, por sua vez, recai na questão da distinção. Retomando a elaboração central desta sessão quanto ao possível estabelecimento de um corpo profissional de terapeutas tântricos, observa-se que, tal como trazido por Zelizer, a transação econômica apresenta grande peso na

determinação das relações e, conseqüentemente, atribuições profissionais que são delineadas.

No desenvolvimento de seu argumento, a ideia de que nem toda relação de intimidade supõe uma relação sexual pode ser depreendida. No entanto, tendo em vista relações de intimidade que envolvam relações sexuais, ou evoquem às mesmas, um gráfico variando em amplitude e temporalidade poderia ser traçado, evidenciando, de maneira generalista, quatro quadrantes. Segue modelo do gráfico com um exemplo do tipo de relação que se pode encontrar em cada um dos três quadrantes mais destacados por Zelizer em seu artigo:

Relações de intimidade que envolvem sexo e trocas econômicas			
Amplitude da intimidade	Ampla: supõe uma grande quantidade de práticas compartilhadas entre os envolvidos	Ampla e passageira (Exemplo não fornecido pela autora)	Ampla e durável Ex: Conjugues que coabitam
	Limitada: pouca quantidade de práticas compartilhadas entre os envolvidos	Limitada e passageira Ex: Relações que se dão entre trabalhadores do sexo e seus clientes	Limitada e durável Ex: Relações que se dão entre um ginecologista e suas pacientes.
		Passageira	Durável
		Duração	

Gráfico 1

A autora ainda chama a atenção ao fato da existência de uma multiplicidade de relações que podem se dar, de forma gradativa, ao longo de todo o gráfico. A partir do que foi discutido até o momento, pode-se depreender que a diferenciação profissional proposta por aqueles que constituem o universo do tantra, mais especificamente os terapeutas, parece carregar como ideia subjacente muito do que é exposto por Zelizer. Dessa forma, um esforço parece ser depreendido no sentido de tornar as relações que se estabelecem entre os que interagem em situações de atendimento, em relações passíveis da categorização limitada e durável. Estas estariam limitadas pelas técnicas desempenhadas pelos terapeutas, que se evocam o sexo, carregam mecanismos de afastamento do mesmo. E se apresentam como, idealmente, duráveis quando se atenta ao fato de uma quantidade de sessões: 3, 10, 21; ser sempre retomada como meio de legitimação e aproximação de um tratamento que possa ser intitulado terapêutico. Essa

duração temporal, ainda, pode ser entendida como meio necessário de alargamento e aprofundamento da relação que se pretende estabelecer entre terapeuta e cliente, o que traria uma maior possibilidade de eficácia ao tratamento. Por sua vez, as relações menos duráveis que carregam a aplicação das, muitas vezes, mesmas técnicas de manuseio corporal características do atendimento terapêutico, encontrar-se-iam no quadrante das relações limitadas e passageiras e que podem ser compreendidas pela chave da satisfação instantânea e alcance do prazer, tornando a associação entre sexo e atribuição profissional mais imediata. Vale ressaltar que, ainda que no discurso de meus interlocutores, à transação econômica se atribua uma valoração diminuta e até mesmo condenável, na prática ela é determinante para a atuação profissional enquanto terapeuta.

Idealmente, então, uma menor intencionalidade atrelada a um ganho econômico e ao sexo em si, parece fazer parte do delineamento da posição de terapeuta e, na medida que essa intencionalidade aumenta, passa-se pelas categorias profissionais massagista e profissional do sexo. Por fim, vale destacar que essas três categorias se distinguiriam, por assim dizer, quanto a seu objeto de atuação. O terapeuta teria seu foco na sexualidade (mesmo que a acessando através do corpo) e na cura, o massagista no corpo e o profissional do sexo no sexo.

Possibilidades de confusão profissional e seu gênero

Se o *numerus clausus* (RUSSO, 1993, p. 68) que determina aqueles que podem ser terapeutas daqueles que não podem ainda se encontra pouco formalizado, as confusões decorrentes disso não atingem todos que exercem a ocupação da mesma maneira. Toda essa distinção até aqui trabalhada aparece como muito cara às terapeutas tântricas, sobre as quais parece incidir a maior carga de preconceitos quanto a essa prática. Preconceitos que aproximam essa profissão da prostituição como descrito no item acima. Dessa maneira, os embaçamentos que permeiam a ocupação podem ser entendidos como fortemente generificados. Na entrevista com Helena, quando conversando sobre o sexo tântrico e seu entendimento como terapêutico, ela me disse, apesar disso, não usar do mesmo em seus atendimentos (Helena demonstra entender como sexo uma relação mais íntima, envolvendo penetração por exemplo). Afirmou, ainda, ter feito uso de tal prática, em relações afetivas privadas, com fins terapêuticos; mas nesses casos o dinheiro não estava envolvido. Reforçou essa distinção de uma troca terapêutica que se configura na permuta entre sexo e afeto e uma que se dá entre dinheiro e atendimento. Na elaboração de Helena, o que emerge é justamente aquilo que Zelizer (2009) identifica como a combinação de:

dois mal-entendidos complementares, mas parcialmente independentes. Podemos chamá-los de “Esferas Separadas” e “Mundos Hostis”. Idéias de “Esferas Separadas” identificam dois domínios distintos da vida social que operam de acordo com princípios diferentes: racionalidade, eficiência e planejamento, de um lado; solidariedade, sentimento e impulso, de outro. A atividade econômica pertence à primeira esfera, as relações sexuais à segunda.

As crenças de tipo “Mundos Hostis” dizem que quando tais esferas separadas entram em contato, elas contaminam uma à outra. Sua mistura, continua o argumento, corrompe ambas; a invasão do mundo sentimental pela racionalidade instrumental, o diminui, enquanto que a intromissão do sentimento em transações racionais produz ineficiência, favoritismo e cliques. Nesse relato existe – e deve existir – uma divisão nítida entre relações íntimas e transações econômicas, já que qualquer contato entre as duas esferas contamina ambas (Ibid., p. 140).

Assim, ainda que tais ideias tenham sido proferidas por uma terapeuta em particular, arrisco dizer que elas se encontram na cosmologia do tantra. Uma vez que sexo e afeto fariam parte de uma mesma esfera da vida social a relação entre eles pode ser compreendida como isenta de julgamento negativo ou sansão. O mesmo se daria entre dinheiro e atendimento, sendo este último interpretado como uma relação comercial que lida com a sexualidade, mas não com o sexo. Ainda que o terapêutico possa transitar entre esses dois mundos, esse trânsito só parece possível enquanto as esferas se mantêm imaculadas. Dessa forma, mesmo que a intersecção entre relações íntimas e transações econômicas sempre venham a existir, como colocado por Zelizer, a associação entre ambas é mutuamente contaminável, abrindo espaço para uma ambiguidade entre terapêutico e promíscuo. Mais adiante ainda, Helena relatou que quando começou a fazer atendimentos, muitas foram suas questões e inseguranças quanto a se entender de fato como terapeuta tântrica pois:

O mundo inteiro fala que quem trabalha com tantra é prostituta, hum, pois é! E aí você vai ser uma terapeuta tântrica, vão te confundir com uma prostituta. Ai eu falei: "caraca". Mas "caralho", mas assim: "caraca". Eu nunca pensei na minha vida que eu pudesse ser uma *border line* nesse sentido. Eu poderia ser um *border line* louca/não louca, tá?! Agora uma *border line* prostituta?! "Porra, Helena!! Caralho! Você se bota em cada fria nessa vida", entendeu?! (risos) Tipo: "é isso mesmo?". Eu tive vários momentos, quando eu decidi começar a trabalhar, eu tinha esses questionamentos, eu ficava aqui nesse apartamento andando pra lá e pra cá. Eu: "puta que o pariu, mas como assim?!". Entende? "eu sou funcionária pública, e aí? Se eles acharem que eu sou prostituta, eles podem me demitir. Podem achar que é um atentado ético". Pelo código ético, né?! , eu fui estudar o código de ética do servidor diz lá: moral. Por questão moral você pode ser demitida. Então, e assim, eu tenho um emprego que é pra vida, entende?! Meu emprego, entre aspas, eu arranjei um pai que vai me pagar um salário até eu morrer. E eu tô tipo, pondo em risco de alguma forma. (Entrevista com Helena, profissional comercial e terapeuta, 2018)

Mesmo tendo em vista seus questionamentos, estes foram sanados por Helena por meio do uso de seu *sannyas*¹⁰. Se com seu nome civil ela poderia ser facilmente identificada e sua prática descoberta por aqueles que poderiam acusá-la de imoralidade, o uso do nome *sannyas* a protegeu e permitiu que vivesse e experienciasse o tantra e aquela que entende como sua verdade.

Nem sempre, no entanto, outras terapeutas conseguem uma resolução dos conflitos suscitados no exercício de sua profissão por essa via. Carlota me mostra um áudio de uma terapeuta pedindo conselhos em um grupo de WhatsApp, no qual ela se queixa de que “dez homens que me procuram, sete querem que eu fique nua, que eu interaja, (perguntam) se tem ato sexual”. Afirma que essas investidas a tem desmotivado, além do fato de muitas das pessoas ao seu redor a olharem de forma “feia”, fato que fez com que ela optasse por retirar da entrada de seu estabelecimento a placa indicativa de que ela trabalhava com terapia tântrica. Comunica que esses acontecimentos, além do fato de sua família ter cortado relações com ela dado o exercício da profissão, trouxeram dúvidas quanto ao exercício da mesma e indagações no sentido de se o que ela está fazendo é certo ou errado. Seu comentário é seguido pela fala de outra terapeuta que relata que de “30 ligações (de homens), 25 querem programa”, afirma estar cansada disso e ressalta que a situação se mostra ainda mais complicada no interior. Não é possível, pelo contexto, identificar de onde a terapeuta fala exatamente, mas seu sotaque traz indícios de que ela é originária do interior paulista ou de alguma outra localidade que tenha como característica o sotaque com o ‘r’ carregado.

O meio para a resolução dessas angustias vem do comentário de outros participantes do grupo, e mais especificamente de outras mulheres, que vão no sentido de que as terapeutas com esses problemas deveriam sempre se posicionar e deixar claro os limites da terapia e a elas também caberia sanar as confusões externas. Isso serviria não apenas para os clientes, mas para os familiares que não entendessem o tantra. Fora do grupo, a entrevista com Helena ainda revela que sua imersão no tantra, uma maior compreensão da filosofia e a aceitação de seus desejos em trabalhar com isso foram fundamentais para que ela deixasse de se preocupar com a possibilidade de descoberta. Muitas são as pessoas que sustentam tal posição, de que o primeiro passo para a superação do preconceito quanto a atuação profissional estaria pautada em uma superação própria de valores morais que pudessem vir a ser um impedimento e, nesse sentido, comentários

¹⁰ É o termo usado para o nome recebido em sânscrito. O recebimento do mesmo significa que a pessoa renuncia de sua vida até então e passa a se dedicar à busca pela verdade e pela iluminação.

como “tem que se curar antes de querer curar os outros” emergem. No entanto, o reconhecimento de que a difusão do exercício profissional não necessita de tamanha amplitude, muitas vezes, é acionado:

Era segredo ser tântrico, as pessoas não ficavam divulgando que elas eram tântricas. E vocês tem os *pashus*, que são pessoas que estão com a energia tão baixa que elas não conseguem vislumbrar nada, só conseguem te apedrejar, acho que é *pashu* que chama. Tipo, essas pessoas você não tem que ficar doutrinando, não tem. Você não tem que se expor, não precisa. Não é missão nesse sentido, não é convencimento. Você quer seguir seu caminho? Segue! Eu sigo o meu, mas me deixa eu seguir o meu. E quando você começa a expandir mais (sua energia), as pessoas que tem que se aproximar se aproximam, e as que não tem que se aproximar elas não te agradem, elas vão embora. (Entrevista com Helena, profissional comercial e terapeuta, 2018)

O que se evidencia então é que o caminho para o fim desse tipo de constrangimentos se iniciaria pela superação da culpa e de uma expansão e fortalecimentos energéticos. Outros são os comentários desse cunho. O que chama a atenção na conversa que Carlota mostrou é o fato de a discussão se dar entre mulheres, a abstenção dos homens em inúmeros momentos é justificada pelo mero fato de serem homens e declararem não serem acometidos por tal problema. Além disso, o silêncio dos mesmos é muitas vezes quebrado com comentários empáticos relativos ao concernimento das mulheres, mas jamais com uma identificação estrita.

São sempre mulheres as reclamantes e são sempre homens responsáveis pela indignação. Arrisco dizer que dentro desses mecanismos discursivos, papéis de gênero entendidos como hegemônicos e estereotípicos são reiterados e traduzidos nas aproximações e afastamentos que a profissão pode adquirir em relação à prostituição. Se as terapeutas podem ser interpretadas como prostitutas fora (e, em certa medida, dentro) do universo do tantra mesmo quando não oferecem sexo, a chave de interpretação dos homens vai por duas vias que não envolvem o receio a essa confusão de fato.

A primeira, a via do cliente desinformado e que segue seus instintos masculinos, muitas das vezes embasado na ideia de um instinto sexual nato, ainda que em inúmeros outros contextos essa visão seja desconstruída. Visão ainda corroborada pelos comentários de Jorge:

Natália: Você faz atendimento em homens também?

Jorge: Eu ensino homens, eu dou aula. Eu já atendi homens, foi muito bom pra mim, porque eu me senti como mulher e foi horrível.

Natália: Por que horrível?

Jorge: Porque eu vi como os homens tratam as mulheres. Tava fazendo massagem em um cara e ele colocava os braços aqui em cima (coloca as duas mãos atrás da cabeça) e ficava olhando pra mim do tipo: "vai sua putinha, pega no meu pau". Eu: "nossaaaaa!". Uma dor, uma raiva, queria socá-lo. Era aquela coisa desesperada. Ou em grupos de tantra, de olhos vendados assim, estar

sensibilizado e vem um cara achando que eu era mulher aí veio com tudo e eu (fez uma cara de nojo). Sabe aquela fome?! Aquela fome, aquela fome assim de zumbi... Você sabe! Você sabe muito! Aí eu: "puta, caralho, é assim que elas se sentem, que horror!". (Entrevista com Jorge, terapeuta, 2018)

O que se mostra interessante em seu comentário é o fato de essa sensação, que só pôde experimentar se colocando no lugar de uma mulher, foi um dos motivadores para sua escolha profissional de não atender clientes homens. Nesse caso uma generalização é feita no sentido de entender, ainda que ele seja homem, que os homens que buscam pela terapia querem sexo e seu tratamento, para com aquele que os atende, é passível de horror.

A segunda, a via do “terapeuta sacana” que vê na terapia um meio fácil para “pegar mulheres”. Essa interpretação foi relatada por Hilda, usuária com curso de formação, quando toquei no assunto da prostituição em nossa conversa. Ela me disse saber de terapeutas, colegas seus no curso de capacitação, que se utilizavam do sexo em seus atendimentos com o intuito de se beneficiarem de sua posição e tirarem proveito de suas clientes mulheres. Esses homens não foram categorizados como garotos de programa, por exemplo. O que leva a crer, mais uma vez, na reiteração do papel do homem a partir de uma masculinidade na qual o desejo sexual insaciável é entendido como característica fundante. Essa interpretação, parece estar atrelada à visão de uma feminilidade na qual a busca por esse tipo de satisfação não cabe. Poucos são os momentos nesse tipo de discussões que o desejo ou a libido feminina são reivindicados, ainda que em outros espaços isso seja fortemente difundido e defendido pelo viés das diferenças fisiológicas. Na entrevista com André levanto a questão referente a esse tipo de confusão. Assim que começamos a conversar sobre o assunto, o gênero dos envolvidos nessas interações é ressaltado, pergunto se ele nunca recebera propostas de clientes no sentido das que aconteceram com as terapeutas reclamantes, por meio de *WhatsApp*. Ele afirma que sim, então pergunto se haviam sido de mulheres, sua resposta é negativa quanto a uma abordagem inicial nesses moldes. Me relata ter recebido propostas de cunho sexual por parte de clientes mulheres, mas depois de já ter tido contato com elas, “no cara-a-cara”. Diz que esse tipo de abordagem, mais explícita previamente, é característica dos homens, tanto heterossexuais quanto gays.

Considerações finais

O que se buscou desenvolver neste trabalho foi a caracterização dos elementos recorrentes que estabelecem a composição dos cenários tântricos e a ocupação de terapeuta. Conflitos, aproximações e afastamentos se estabelecem entre esta nova

ocupação e outras que apresentam, também, os eixos condutores da terapia, do corpo e do sexo. Ainda que a terapia tântrica e sua cosmologia subjacente possibilitem um olhar distinto a categorias usualmente entendidas como sexuais, questões relativas a preconceitos sociais e pessoais se encontram fortemente mobilizadas, muitas das quais apresentando as cores da divisão entre os gêneros masculino e feminino tal como descritas nos meios entendidos como não tântricos. Isso revela que a pretensão e a busca por mudanças e alterações nos elementos estruturantes das concepções e valores vigentes nesses espaços não necessariamente se efetivarão como o pretendido, a disputa constante pelos mesmos é o que parece caracterizar mais fortemente esse universo.

Referências

AMARAL, Leila. CARNAVAL DA ALMA: COMUNIDADE, ESSÊNCIA E SINCRETISMO NA NOVA ERA. Orientador: Otávio Guilherme Velho. 1998. 368 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS, Rio de Janeiro, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e Sexismo na cultura Brasileira”. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

hooks, bell. *Feminism is for Everybody: passionate politics*. **London: Pluto Press**, 2000, p. 48-60.

MALUF, Sônia Weidner. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da "nova era". **Mana** (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 499-528, 2005.

MOORE, Henrietta. “Understanding sex and gender”. In: INGOLD, T. (ed.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830.

OSHO. **Tantra: espiritualidade e sexo**. 2 ed. São Paulo: Madras, 1997.

PISCITELLI, Adriana. “Gênero: a história de um conceito”. In: ALMEIDA, Heloísa. B.; SZWAKO, José E. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-149.

RUSSO, Jane Araújo. **O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 1980**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. **Cadernos pagu**, v. 32, p. 135-157, 2009.